

Múltiplas cartografias: a geograficidade e o espaço vivido no ritmo de pedais teresinenses

Multiple cartographies: geographicity and lived space to the rhythm of teresina's cyclists

Amanda Clarice de Oliveira Lima¹
Ana Caroline Jardim Oliveira²

Resumo: Este artigo objetiva compreender a experiência do pedalar urbano em Teresina-PI como uma leitura estética e existencial do espaço, fundamentada nos pressupostos da Geografia Humanista. Amparada nas contribuições de Dardel (2015), Tuan (1980), Marandola Jr. (2010) e Dantas (2020), a pesquisa articula revisão bibliográfica e exploração empírica realizada durante percursos ciclísticos em maio de 2026. O circuito empírico contemplou três lugares da capital piauiense: o Museu da Imagem e do Som (MIS) Torquato Neto, a Floresta Fóssil e o Parque das Crianças. A análise evidenciou que o pedalar possibilita a construção de múltiplas cartografias do espaço vivido, revelando diferentes temporalidades, afetos e experiências urbanas. Os resultados demonstram que a bicicleta, para além de um meio de deslocamento, constitui uma prática espacial capaz de fortalecer vínculos topofílicos, produzir leituras sensíveis da cidade e promover reflexões acerca da memória, do patrimônio, da natureza e das contradições da produção do espaço urbano.

Palavras-chave: Geograficidade; Espaço vivido; Geografia Humanista; Pedalar urbano; Teresina.

Abstract: This article aims to understand the experience of urban cycling in Teresina, Piauí, as an aesthetic and existential reading of space grounded in the principles of Humanistic Geography. Based on the contributions of Dardel (2015), Tuan (1980), Marandola Jr. (2010), and Dantas (2020), the study combines a bibliographic review with participant observation carried out during cycling routes in May 2026. The empirical circuit included three places in the capital of Piauí: the Museum of Image and Sound (MIS) Torquato Neto, the Fossil Forest Park, and the Children's Park. The analysis revealed that cycling enables the construction of multiple cartographies of lived space, unveiling different temporalities, affects, and urban experiences. The findings demonstrate that the bicycle, beyond being a means of transportation, constitutes a spatial practice capable of strengthening topophilic bonds, producing sensitive readings of the city, and fostering reflections on memory, heritage, nature, and the contradictions of urban space production.

¹ Mestranda em Geografia pelo Programa de Pós-Graduação em Geografia (PPGGEO/UFPI), vinculada à linha de pesquisa em Ensino de Geografia. Especialista em Informática na Educação pelo Instituto Federal do Maranhão (IFMA/2024) e licenciada em Ciências Humanas/Geografia pela Universidade Federal do Maranhão (UFMA/2022). E-mail: clariceamanda1@gmail.com; Lattes: <http://lattes.cnpq.br/0514827048915176>.

² Mestra em Sociologia pela Universidade Federal do Piauí (UFPI), e licenciada em Ciências Sociais pela Universidade Estadual do Piauí (UESPI/2018). Atua principalmente na área de ensino de sociologia, formação inicial de professores, autonomia discente e docente, e metodologia da pesquisa em Ciências Sociais. Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/3365712051087408>.

Keywords: Geographicity; Lived Space; Humanistic Geography; Urban Cycling; Teresina.

1 INTRODUÇÃO

A geografia contemporânea, ao expandir suas fronteiras para além do pragmatismo quantitativo, redescobre sua interface com a arte e a sensibilidade. Como apontam Silva e Dantas (2024), o processo de produção espacial pode ser entendido como uma arte entrelaçada ao cotidiano da repetição, do esquecimento e das lembranças, fundando uma relação de corporeidade singular no tocante às nuances do ser. Pedalar por Teresina-PI, portanto, deixa de ser um mero deslocamento cinético para converter-se em uma prática espacial poética e prosaica, na qual o corpo sobre duas rodas atua como bússola existencial exposta à crueza e à beleza do ecúmeno.

Para a Geografia Humanista, amparada nos pressupostos da geograficidade de Dardel (2015) e da experiência espacial discutida por Tuan (1980), o espaço não se reduz a um receptáculo geométrico abstrato, mas constitui-se como espaço vivido, internalizado pelos sujeitos por meio do afeto, do esforço físico e das experiências cotidianas. Nessa perspectiva, a bicicleta torna-se mais do que um meio de transporte: transforma-se em instrumento de leitura da cidade e de construção de vínculos com os lugares.

Este artigo objetiva compreender a experiência do pedalar urbano em Teresina como uma leitura estética e existencial do espaço. Longe de traçar um percurso linear, nossas andanças teceram uma rede de memórias que conecta três temporalidades e espacialidades distintas da capital piauiense: o Museu da Imagem e do Som (MIS) Torquato Neto, a Floresta Fóssil e o Parque das Crianças. Para guiar essa análise, operamos metodologicamente por meio de uma revisão bibliográfica — dialogando com Dardel (2015), Tuan (1983), Marandola Jr. (2010), Dantas (2020) e Silva e Dantas (2024) — articulada à observação participante realizada durante percursos ciclísticos. O circuito empírico ocorreu em maio de 2026, contemplando o Museu da Imagem e do Som (MIS) Torquato Neto, visitado em 16 de maio; a Floresta Fóssil de Teresina, visitada em 17 de maio; e o Parque das Crianças, integrado ao percurso como espaço de observação e vivência.

Os registros foram produzidos por meio da experiência direta nos lugares, amparados por observações de campo e registros fotográficos. Compreendemos o pedalar não apenas como forma de deslocamento, mas como prática espacial capaz de revelar dimensões afetivas, estéticas e existenciais da cidade. Propõe-se, assim, o desenho de uma cartografia outra, tecida na escala do corpo e no ritmo das engrenagens. Operar metodologicamente sem um mapa cartesiano pré-definido não significa um caminhar errático, mas uma opção deliberada pela abertura existencial ao espaço vivido. Ao abriremos mão das coordenadas e das rotas programadas por algoritmos, permitimos que o circuito empírico fosse guiado pelas rugosidades da paisagem, transformando a pedalada em um contramapeamento da experiência sensível.

2 UMA EPOPEIA ESPACIAL SOBRE DUAS RODAS: O aporte teórico da geograficidade e da arte

O homem firma-se no mundo como um ser essencialmente espacial. Conforme apontam Silva e Dantas (2024, p. 53), "o espaço recebeu a marca do grupo, que são expressas na morfologia paisagística, e o grupo foi marcado pelas nuances de ambiência do lugar". Essa simbiose rompe com determinismos reducionistas e evoca a geograficidade dardeliana como o modo de existência e destino do ser. Quando imbricada à arte, a análise geográfica ganha sensibilidade, desdobrando-se em dois eixos fundamentais propostos por Marandola Jr. (2010): a arte como relato documento e a arte como imagem-imaginário ou símbolo-representação, capaz de desenhar geografias que refletem a própria condição humana.

Ao transitar por essa fronteira, caminhamos em direção ao que Marandola Jr. (2010) conceitua como Geosofia — uma geografia do conhecimento que prioriza a natureza geográfica dos fenômenos sob o crivo da existência e da experiência socioespacial, valorizando os saberes-fazer cotidianos. O espaço, sob este prisma geosófico, atua como um "experimento de religação do não-vivo com o vivo, do caos com a ordem" (Dantas, 2020, p. 210).

A imagem poética que emerge dessa fricção corporal com a cidade possui, como defendia Bachelard (1974), um dinamismo e uma ontologia próprios, operando forças que escapam aos circuitos engessados do saber acadêmico formal. Essa tessitura teórica nos permite alcançar a geograficidade do ser por meio de uma "geografia existencial e subjetiva [...] que

coloca em dúvida as oposições entre o real e o imaginário" (Dozena, 2020, p. 383), abrindo alas para compreendermos como os lugares urbanos são inventados e ressignificados.

Esse contexto permite conceber a cidade não apenas como um conjunto de formas materiais, mas como uma trama de experiências, afetos e significados produzidos na relação entre o sujeito e o espaço. Foi sob esse horizonte interpretativo que realizamos nossos percursos ciclísticos por Teresina, buscando apreender as múltiplas cartografias que emergem da experiência vivida nos lugares. Essa busca alinha-se ao horizonte das "cartografias outras", conceito amparado no giro decolonial e densificado na Geografia por autores como Seemann (2013) para designar as cartografias do invisível, tecidas na escala do corpo e avessas ao rigor métrico-cartesiano. Ao optarmos por percorrer a cidade "sem mapa", operamos uma recusa deliberada aos limites da representação tradicional que, como adverte Seemann (2013), tende a esvaziar o espaço de sua substância existencial para transformá-lo em geometria abstrata.

Prescindir do mapa-ferramenta e dos algoritmos de navegação não significou uma deriva errática, mas uma escolha metodológica e decolonial de contramapeamento (Acsehrad, 2014); uma abertura para que as rugosidades de Teresina guiassem o pedal. O mapa aqui já não antecede a jornada: ele é gestado no próprio acontecimento do trajeto, permitindo que a subjetividade e a sensibilidade corpórea desenhem a verdadeira geografia do vivido.

3 O CIRCUITO EMPÍRICO NOS LUGARES DE TERESINA: O MIS - Torquato Neto

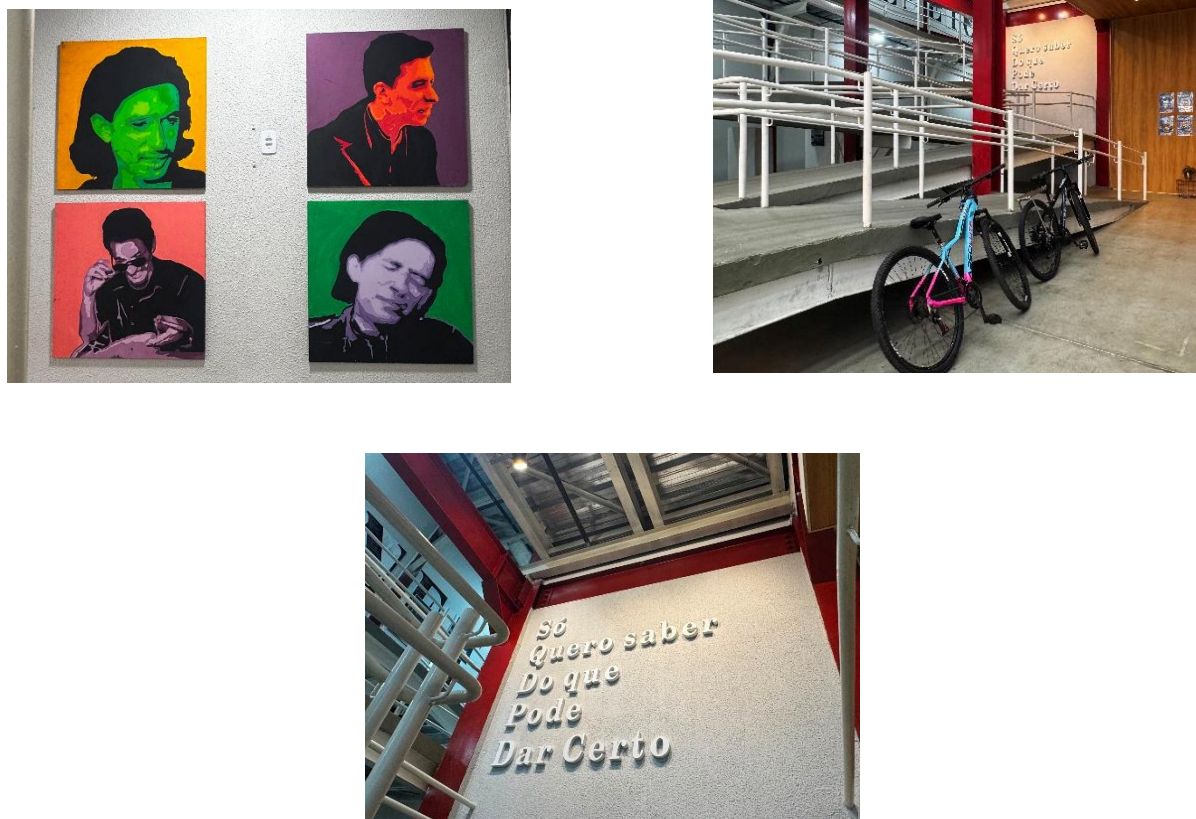
Palimpsesto urbano, memória e a estética do instante

No Centro de Teresina, na interseção das ruas Climatizada e Barroso, o casarão de 1920 que hoje abriga o Museu da Imagem e do Som (MIS) Torquato Neto apresenta-se como um legítimo palimpsesto geográfico, onde as marcas do tempo histórico se sobrepõem sem apagar completamente os registros anteriores, o espaço transcendeu o abandono estrutural ao ser reconfigurado como um lugar de resistência afetiva e cultural, impulsionado inicialmente pelas ocupações artísticas do coletivo Salve Rainha (2015-2016).

A chegada ao museu constituiu parte fundamental da experiência espacial aqui analisada. O percurso ciclístico realizado pelo centro histórico permitiu perceber as diferentes camadas temporais que compõem a paisagem urbana teresinense, nas quais edifícios históricos, fluxos contemporâneos, práticas cotidianas e memórias coletivas coexistem em permanente

diálogo. O ritmo mais lento proporcionado pela bicicleta favoreceu a leitura dessas sobreposições espaciais, transformando o deslocamento em um exercício de interpretação sensível da cidade.

Figura 1 – Museu de Imagem e Som – Teresina - PI



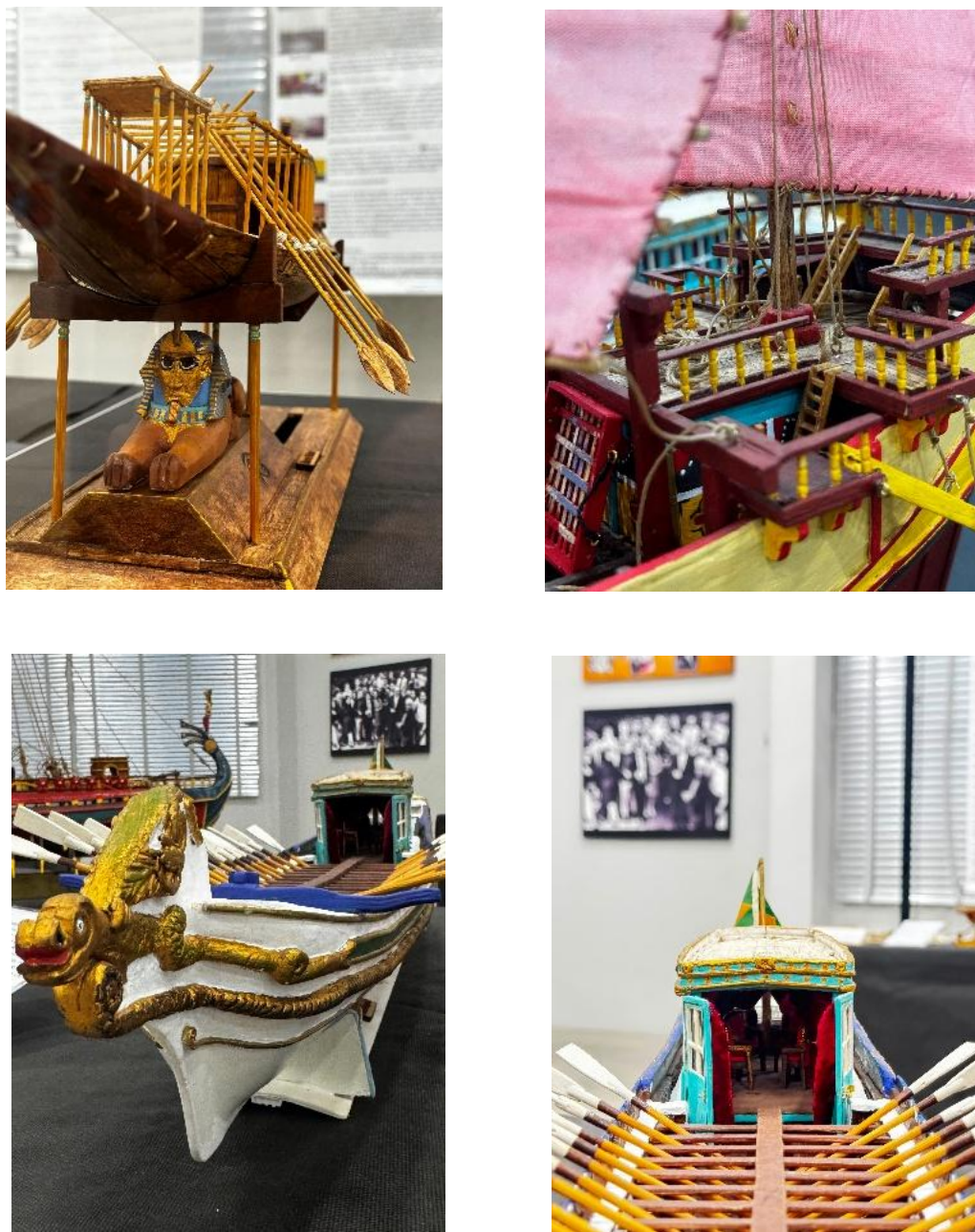
Fonte: Acervo pessoal das pesquisadoras (2026)

Torquato Neto destaca-se como uma das figuras centrais da vanguarda dos anos 1960 e 1970, atuando ativamente em movimentos como o Tropicalismo e a revista *Navilouca*. Segundo Lage (2010), o poeta utilizou a vertente da arte marginal não apenas como refúgio lírico, mas como um espaço de exposição das crises existenciais, contradições e angústias que sufocavam a sua geração diante do cenário opressor. O MIS reúne um acervo particular do poeta, composto por livros e fotografias que homenageiam sua memória, além de oferecer espaço para que outros artistas exponham suas obras.

Em nossa experiência, a geograficidade do museu — entendida sob a ótica dardeliana como a essência da relação existencial entre o homem e o meio — foi potencializada pela fruição estética da exposição do artista plástico Ulisses de Andrade Lima. A carpintaria do

artista operou como uma paisagem interna que dialogava diretamente com o silêncio e a solidez do patrimônio material arquitetônico. Ali, a estratégia estética descrita por Dantas (2020) cumpriu o papel de integrar o poético à dimensão prosaica da cidade, ativando a topofilia e reivindicando o direito à memória coletiva no âmago do espaço urbano central.

Figura 2 – Exposição Carpintaria Naval Artesanal em Maquete



Fonte: Acervo pessoal das pesquisadoras (2026)

Sob a perspectiva da Geografia Humanista, o MIS revelou-se mais do que um equipamento cultural: configurou-se como um lugar de encontro entre temporalidades, afetos e experiências. A vivência do espaço, mediada pelo pedal e pela contemplação artística, permitiu compreender como a cidade é continuamente ressignificada pelos sujeitos que a percorrem, habitam e narram.

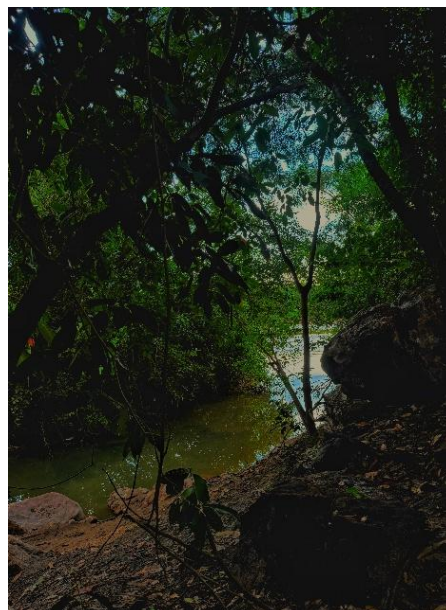
4 A FLORESTA FÓSSIL: a geo-poética e as chagas do tempo profundo

Ao deslocarmos nosso pedal em direção à margem direita do Rio Poti, confrontamo-nos com a geo-poética e a imensidão do tempo profundo da Terra. O trajeto foi marcado pela contemplação da paisagem urbana e fluvial, permitindo apreciar as margens do rio, seus reflexos, movimentos e as múltiplas relações entre natureza e cidade, o próprio percurso constituiu uma experiência sensível, na qual o ritmo do pedalar favoreceu momentos de observação, silêncio e conexão com o entorno.

O Parque Floresta Fóssil de Teresina guarda troncos permineralizados do período Permiano (Formação Pedra de Fogo), com idade superior a 250 milhões de anos, destacando-se a ocorrência da espécie pioneira *Teresinoxylon eusebioi*. Trata-se de um experimento radical de religação entre o não-vivo (o mineral) e o vivo (a memória vegetal, humana e paisagística). Diante dos vestígios fossilizados, a experiência espacial ampliou a percepção da temporalidade, aproximando-nos de uma dimensão da Terra que ultrapassa em muito a escala da existência humana.

Contudo, a aproximação fenomenológica também descortinou as contradições da produção do espaço. O diagnóstico empírico corroborou as denúncias de Oliveira, Freitas e Pinho (2014), evidenciando o estado de vulnerabilidade socioambiental do sítio. A ausência de vigilância efetiva, cercas danificadas e episódios de vandalismo demonstram que o parque “sofre transformações que colocam em risco sua importância paleontológica dotada de valor científico, cultural e histórico imensurável” (Oliveira; Freitas; Pinho, 2014, p. 82).

Figura 3 – Floresta Fóssil – Teresina –PI



Fonte: Acervo pessoal das pesquisadoras (2026)

A experiência poética, neste ponto, choca-se com a aspereza prosaica do descaso público. Se, por um lado, a contemplação do Rio Poti e da paisagem circundante despertava sentimentos de admiração e pertencimento, por outro, o estado de conservação do parque produzia inquietação diante da fragilidade de um patrimônio de valor inestimável. Entre o encantamento e a denúncia, a Floresta Fóssil revelou-se como um espaço onde a beleza da natureza e as marcas do abandono coexistem, produzindo uma profunda reflexão sobre a relação da sociedade com sua memória geológica e ambiental.

5 O PARQUE DAS CRIANÇAS: o espaço vivido entre a promessa lúdica e o vazio institucional

Como desfecho do circuito de nossos pedais, as bicicletas buscaram o Parque das Crianças, localizado na Avenida Raul Lopes, Zona Leste de Teresina. Inaugurado em fevereiro de 2022 como fruto de uma medida de compensação ambiental de uma rede privada de supermercados, o parque nasceu sob a égide do planejamento institucional voltado à primeira infância e à educação ecológica.

O projeto original, dotado de mais de 10 mil metros quadrados arborizados, playground, hortas educativas e uma trilha que conduz ao píer do Rio Poti, foi concebido como um importante espaço de lazer, convivência e amenização climática, favorecendo experiências de encontro entre cidade, natureza e infância. A chegada ao parque representou uma mudança de ritmo em nossa experiência ciclística. Após percorrermos diferentes paisagens urbanas, encontramos um ambiente marcado pela presença da vegetação, pela sombra das árvores e pela proximidade do rio. O espaço convidava à permanência, à contemplação e ao descanso, características que dialogam diretamente com a dimensão afetiva dos lugares discutida pela Geografia Humanista.

Figura 4 – Parque das Crianças



Fonte: Acervo pessoal das pesquisadoras (2026)

Contudo, o choque empírico proporcionado pela vivência de campo revelou uma fratura latente entre o espaço concebido e o espaço efetivamente vivido. Ao cruzarmos os portões do Parque das Crianças com nossas bicicletas, a atmosfera lúdica projetada deu lugar a um cenário de esvaziamento: a ausência quase absoluta de pessoas, a reduzida circulação de usuários e a visível carência de manutenção e gestão. A poética do riso infantil e das brincadeiras foi substituída pelo silêncio de um espaço que parece pouco apropriado pela população, na perspectiva de Tuan (1980), enquanto o espaço representa movimento, abertura e liberdade, o

lugar se constitui a partir da experiência, da permanência e dos vínculos afetivos construídos pelos sujeitos.

O Parque das Crianças evidencia as tensões existentes entre essas duas dimensões. Embora possua potencial para consolidar-se como um importante lugar de convivência urbana, sua baixa frequência de usuários e as fragilidades observadas em sua gestão dificultam a construção de experiências coletivas mais densas e permanentes. Todavia, é na resistência dos sujeitos ordinários que emerge aquilo que Kastrup (2001) denomina aprendizagem inventiva. Nossa própria permanência no local, utilizando a calmaria, as sombras das árvores e a paisagem do Rio Poti como espaço de repouso, contemplação e diálogo, constituiu uma forma de ressignificação do parque.

Nesse contexto, o ciclista e o pedestre que permanecem e habitam o espaço, mesmo diante das limitações observadas, produzem novas possibilidades de uso e pertencimento. Assim, entre o abandono institucional e a experiência vivida, o Parque das Crianças revelou-se como um território de afetos potenciais, onde a geograficidade continua sendo produzida pelos encontros, pelas pausas e pelas relações construídas no cotidiano.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A construção da Geografia como arte demanda o resgate do humanismo e a incorporação das subjetividades como dimensões legítimas da produção do conhecimento geográfico. Ao compreender o pedalar urbano como uma prática espacial sensível, este trabalho buscou interpretar a cidade de Teresina para além de suas formas materiais, revelando as experiências, afetos e significados que emergem da relação entre sujeito e espaço.

As múltiplas cartografias construídas ao longo dos percursos ciclísticos evidenciaram diferentes temporalidades e espacialidades da capital piauiense. No MIS Torquato Neto, a cidade revelou-se como memória e patrimônio, expressando as sobreposições históricas que constituem a paisagem urbana. Na Floresta Fóssil, a experiência do pedal conduziu ao encontro com o tempo profundo da Terra, mas também com as contradições do abandono e da vulnerabilidade socioambiental. Já no Parque das Crianças, a vivência de campo permitiu refletir sobre as tensões entre o espaço concebido e o espaço vivido, demonstrando que os

sentidos dos lugares são continuamente produzidos pelas práticas cotidianas e pelas formas de apropriação dos sujeitos.

Através das lentes da sensibilidade compartilhada, costuramos os contrastes da capital piauiense: as cores memoriais do MIS, as feridas expostas da Floresta Fóssil e a pausa contemplativa no Parque das Crianças. Cada giro do pedal consolidou umas práxis existencial que transformou a materialidade urbana em um cenário de encontros, contemplações, denúncias ambientais e geosofia vivida.

Conclui-se, portanto, que o ato de pedalar configura uma forma singular de leitura geográfica da cidade. Mais do que um meio de deslocamento, a bicicleta possibilita a construção de vínculos afetivos com os lugares, favorecendo a percepção das múltiplas camadas que compõem o espaço urbano. Nesse sentido, Teresina revelou-se não apenas como objeto de observação, mas como experiência vivida, demonstrando que a cidade se manifesta plenamente na união indissociável entre o ser, o sentir e o habitar.

REFERÊNCIAS

ACSELRAD, Henri. **Em outras cartografias, o olhar sobre o mundo em mutação**. Outras Palavras, 2014. Disponível em: <https://outraspalavras.net/descolonizacoes/em-outras-cartografias-olhar-sobre-o-mundo-e-sua-transformacao/>. Acesso em: 10 jun. 2026.

BACHELARD, Gaston. **A Poética do Espaço**. Tradução de Franklin Leopoldo e Silva. São Paulo: Abril Cultural, 1974.

DANTAS, Eugênia Maria. **Geografia, estética e criação**: pistas epistemológicas para uma narrativa complexa. In: DOZENA, Alessandro (org.). *Geografia e Arte*. [S. l.: s. n.], 2020. p. 209-222.

DARDEL, Éric. **O Homem e a Terra**: natureza da realidade geográfica. Tradução de Werther Holzer. São Paulo: Perspectiva, 2015.

DOZENA, Alessandro. Horizontes geográfico-artísticos entre o passado e o futuro. In: DOZENA, Alessandro (org.). **Geografia e Arte**. [S. l.: s. n.], 2020. p. 375-392.

KASTRUP, Virgínia. Aprendizagem, arte e invenção. **Psicologia em Estudo**, Maringá, v. 6, n. 1, p. 17-27, 2001.

KLIASS, Rosa Grena. **Planejamento do espaço de lazer**. São Paulo: Editora Pini, 1993.

LAGE, Patrícia Rodrigues Alves. **A Poética de Torquato Neto**: Tradição, Ruptura e Utopia. 2010. Dissertação (Mestrado em Literatura e Crítica Literária) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2010.

MACEDO, Silvio Soares; SAKATA, Francine Gramacho. **Parques urbanos no Brasil**. São Paulo: Editora da USP, 2002.

MARANDOLA JR., Eduardo. **Humanismo e arte para uma geografia do conhecimento**. Geosul, Florianópolis, v. 25, n. 49, p. 7-26, 2010.

OLIVEIRA, Livânia Norberta de; FREITAS, Jackson Saraiva de; PINHO, Sheila Pereira. Contribuição do Parque Floresta Fóssil no meio urbano de Teresina (PI). **Revista Equador**, Teresina, v. 3, n. 2, p. 82-93, jul./dez. 2014.

SEEMANN, Jörn. Entrevista com Gisele Girardi: em busca de outras cartografias na educação brasileira. **PerCursos**, Florianópolis, v. 26, p. e0602, 2025. DOI: 10.5965/19847246262024e0602. Disponível em: <https://www.periodicos.udesc.br/index.php/percursos/article/view/27898>. Acesso em: 10 jun. 2026.

SILVA, Emilly Domingos da; DANTAS, Eugênia Maria. **Geografia e Arte: a experiência espacial do ser e sentir**. Geograficidade, Niterói, v. 14, n. 2, p. 52-61, inverno 2024.

TUAN, Yi-Fu. **Topofilia: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente**. São Paulo: Difel, 1980.